

Muda e move e(m) sagrado e difícil e raro

LOUISE MARA SOARES BASTOS¹

“insisto na ideia de sobrepor sentidos. a matéria desmancha em linhas de cores. a transparência ultrapassa o critério da massa. há mais entre objeto e espaço. há mais do que somos capazes de ver. há mais por dentro do que conseguimos dizer. sentimento é força de esvaziar palavra. é nessa hora que a gente não sabe escrever”
(Louise Mara Soares Bastos).

Movente e mutante no/do tempo, desejante de parir uma ideia

Para Spinoza, assim como para Deleuze, “tudo que é precioso é tão difícil como raro” (SPINOZA, Baruch de., 2009, p. 238). Como uma ideia em arte, como uma ideia em filosofia, como uma ideia em ciência. Como uma ideia para compor uma página. Para quem escreve o mais difícil não é o prazo, é a ideia. É que o tempo, esse lugar onde acon(tece) a vida, onde acon(tece) a ideia, é o lugar da “forma de tudo o que muda e move” (DELEUZE, Gilles., 1997, p. 38). E mudar e mover é raro e difícil. Em um espaço-tempo, nesse momento, temos as respostas para todas as perguntas dentro do bolso, da mochila, da bolsa, elas estão na ponta dos dedos. Nesse tempo facilmente nos perdemos em cardápios de produções em cinema, em música, em artes. Aqui, agora, tudo parece mais curto, instantâneo, ligeiro, apressado, imagético, registrado, dizível, escutável.

E será? Aceleramos os fluxos? Engordamos potências? Estamos deslizando ou serializando camadas, estratos? Será que vale a pena saber o quanto isso importa? Será que o raro e difícil ficou mais raro e difícil porque agora tudo parece tão comum e fácil? Quantas rupturas, quantas rachaduras, quantos terremotos são necessários para produzir uma ideia? Para lhe dar vida? Para fazê-la existir? Uma ideia assim, que caiba em uma página? E se ela for grande demais? E se ela for pequena assim, do tamanho de um parágrafo?

¹ Comunicóloga e professora. Artes e ciências atra(versadas) por escritas, imagens e filosofias. Artista visual e escritora. Mergulhos em fotografias, colagens, aquarelismos, prosas e poesias. E-mail: louiseemara@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2916-3183>

Entrar em fuga e dentro da fuga fazer uma curva e enquanto foge se jogar no abismo e, ainda assim, não nascer uma ideia. Ela é rara e difícil. Pular em linhas abissais e abraçar um polvo que escurece seu entorno e usar oito braços para escapar. Tempo para mastigar e engolir e vomitar e lambe o que não serve mais. Ir e voltar e sair e entrar e dobrar e esticar. E é o tempo a “forma imutável da mudança e do movimento” (DELEUZE, Gilles., 1997, p. 38), o tempo é uma medida de passagem, lugar para o que passa e age e move e faz e refaz e parte e reparte. E tem mais, é capaz de escrever toda uma página, até mesmo um livro inteiro, e ainda não parir a ideia. Fecundar e gestar e percorrer e pular e parar de esperar e correr e estacionar e vê-la crescer e ter pena de deixá-la sair e ter medo de morrer quando ela nascer e e e... Ela é grande demais, “todas as grandes coisas são difíceis e raras.”

Referência

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

ESPINOSA, Baruch de. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Submissão: 30. 06. 2025

/

Aceite: 11. 07. 2025